

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 13000 reis
Com estampilha (anno) 13200 reis
Para fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias remettendo-se dois exemplares
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Annuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis
Annuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

Toda a correspondencia deve ser subscriptada simplesmente ao: «Regenerador Liberal»—Ovar.

O QUE ELLES SÃO

Os livre-pensadores portugueses são tudo o que ha de mais intolerante n'estas coisas de liberdade de pensar.

A intelligencia, dizem, não tem peias; não tolera imposições de ninguém; é livre e independente. Não ha verdade que se lhe ponha em cima, que a submeta, que a domine, em sciencia, politica ou religião. Não ha dogmas.

Cada qual pensa e crê o que muito bem lhe parecer. Dogma e intelligencia é o mesmo que noite e dia, carcere e liberdade.

A intelligencia não tem senhor; domina, não é dominada, concluem elles. E assim dizem professor o mesmo respeito as ideias e proposições por mais disparatadas e oppostas que sejam.

Mas isto, este respeito, esta tolerancia é que elles não conhecem, por mais que o affirmem.

O livre-pensador portuguez não considera, nem sequer tolera quem não pense como elle. E a este respeito contam os jornaes de Lisboa um recente caso frisantissimo da intolerancia e incoherencia do livre-pensadorismo nacional.

Faz hoje oito dias, chegou á capital o sr. Léon Furnemont, deputado socialista belga e secretario da Federação Internacional do Livre-Pensamento. Este democrata naturalmente em attenção aos principios que professa, como paladino do povo que trabalha e faz de besta de carga, fez a sua viagem bem refestelado nas almofadas de estofa e molas do *Sud Express* e hospedou-se no Grande Hotel de Inglaterra onde creados de frak lhe servirão o jantar entre as harmonias paradisiacas d'um bom sestetto.

Mas, voltando ao caso. Chegou a Lisboa, e todos os livres... de pensar que lá vegetam, foram esperar o homem ao Rocio e trataram á sua chegada de se manifestarem, victoriando entusiasticamente, como gente purgada de preconceitos, seu irmão belga.

Mas de subito surge descendo do salão do *rapido*, o sr. Arcebispo de Mytilene.

A lá da sua batina revelava a quantos ali estavam, que sua excellencia optára pensar de modo diverso do de tantos pregoeiros da liberdade, presentes. Foi o bastante. A tolerancia do livre-pensamento esgotou-se á sua vista. A massa dos espiritos libertos, como diz o *Illustrado*, rompeu n'uma barulheira contra aquelle prelado, com acompanhamento de

assobio!

E assim dirigem ao sr. Furnemont, continua o citado jornal, applausos e aclamações, em premio de pensar como elles; e ao Sr. Arcebispo de Mytilene vaias e assobios em castigo de se permittir a liberdade de pensar de modo differente d'elles!

Ora ahí os têm, taes quaes são os livre... de pensar portuguezes!

Um vexame para nós, uma vergonha para a liberdade, que pregam e... uma surpresa para o visitante belga, por ver como o livre-pensamento marcha em Portugal.

Quando elle de volta ao seu paiz tiver de coordenar as suas recordações de viagem, não ha-de esquecer este facto para reclamar para a desgraçada terra de portuguezes, o logar que lhe compete, como povo civilizado, ao lado dos tapuias e hottentotes.

Para gloria do livre-pensamento nacional.

CHRONICA

NOITES DE REIS

Houve nas d'este anno bastante animação; numerosos grupos percorreram as ruas da villa nos costumados descantes d'outros annos, pescando garrafas... como quem pesca o bello linguado: ao candeio.

Não é original a comparação. Uma das muitas quadras que n'essas inolvidaveis noites mais gratamente nos feriram o timpano, resa assim:

Para pescar linguado
nada ha como o candeio;
e a garrafa é um... pescado
que só cai por este meio.

E na verdade muitas, durante essas noites, á luz do acetileno, cahiram... nas cestas com que se munem os grupos de reis e nas alvissimas toalhas de meza das confortaveis salas de jantar, onde a amizade atrai sempre a roda das velhas relações, que entre descantes e harpejos ali vem deixar boas-festas.

Mas, reatando:
Uma das troupes musicaes—pois, como sempre, ranchos de creanças e raparigas por ahí cantaram a... secco, com todo gosto—que mais entusiasmo despertou e que mais saciou a sua propria sêde de bohemia de gente moça, foi a dirigida por Manoel Rosas.

Trazia uma cauda de curiosos, de se lhe tirar o chapéu. Nem admira. Sabia-se que a letra, que ella cantava, sahira da talentosa penna do sr. Dias Simões e a muzica da inspiração do sr. João Alves Cerqueira. Deviam ser uns reis catitas. E na verdade para serem excellentes nem a boa execução

lhes faltou.

Foi o que todos viram e devidamente apreciaram, recebendo-os com o maior agrado, mais, com verdadeiro frenesi.

O nosso presado amigo sr. José Maria Dias de Rezende, primeira porta, onde foram bater, não via mais que lhes fizesse, aos azougados rapazes.

O seu Bairrada... da Cova do Frade, é que pagou as favas... De forma que quando se tratou de afinar para o agradecimento e despedida, houve um concerto estranho e demorado de gemer de cravelhas de violões e rebecas e de lastimosos choros de cordas de banjolins.

A coisa custava a temperar! Mas lá se arranjou e chegou menos mal a casa do José Placido.

A gentileza d'este bello rapaz foi tal que em nossa honra e proveito, o ia levando quasi a transformar a sua ourivesaria em sala de banquete, em que elle, de avental brunido, houvesse de servir-nos os mais delicados manjares.

E, porque a noblesse oblige o Correia Dias n'um *mercredi* entusiasta tirou então da sua garganta notas, que, ouvidas por Caruso, o fariam carpir saudades dos seus dias de gloria.

Mas esta lebre estava corrida; por isso em marcha, que levaria um raio de facecia ao coração do macambusio Chopin, palmilhamos, deixando-as enlevadas e sonhadoras, envoltas n'uma onda de nostalgicas harmonias, as ruas da Graça e Ruella até á gasalhosa vivenda do sr. Antonio Augusto de Abreu.

O que ali iria acontecer diziam-n'o claramente as rabecas na sua visita vibrante e afinada: «havemos de comer, havemos de beber.» No que plenamente concordavam os violões, clamando entre o rir festivo dos banjolins: «Graças a Deus, Graças a Deus».

Entramos... as salvas de bocas da Companhia Velha, expellindo, após o vomito escuro da rolha, fios do dourado nectar. Era divino... Mas não houve um desalinho!

Ordeiros, comedidos, sempre animados, eramos bem a mocidade que soube dominar com o bridão do código da sociedade, o seu sangue irrequieto e ardente. E tão galharda, tão distintamente, que ao despedirmo-nos, não pôde o bom do sr. Antonio Augusto reprimir-se, que não soltasse um viva de *verdad* á mocidade d'Ovar.

E d'ali nos raspamos, partindo as algemas de mil obsequios captivantes, com a promessa de voltarmos para o anno, até ao ferrolho do sr. Souza da rua da Fonte.

As melodias da nossa orches-

tra eram mesmo de se fazerem seguir pelas pedras do caminho e de extasiarem os ralos ás portas dos seus buracos. A garrafeira do sr. Souza que o diga; que fallem os coscorões do nossos amigos Manoel Compos e capitão Marrecas ou as sandwiches do velho amigo Graça! As *simphonias* do Pinho e do Silva e os gargomillos damnados do Correia Dias exerciam sobre tudo isso irresistivel atração. Mas o diabo das sandwiches eram mesmo de se perguntar: «ó Graça, não ha lá mais d'isto?»

Perdida a influencia magnetica da nossa orchestra sobre tão delicado *pitêo*, fomos de rota batida até ao Chico Bello. Cantamos e tocamos, como em qualquer palco de theatro lyrico; palestramos e discutimos como jogadores de bisca lambida, á vontade e sem etiquetas e recitamos em fim coisas lyricas, como a Lagrima e o Melro, tal qual os românticos d'olheiras fundas e melena ao vento, ahí em qualquer salão de ha trinta annos, onde houvesse um piano e um chá.

Por fim alguém estranhou que na mesa da sala ainda não fervesse o Champanhe ou brilhasse a lagrima do Porto.

—Bello, disse o Augusto Lamy, então? não ha que beber?

—Já dei ordem para lhes servirem um prato de sonhos do ceu e algumas garrafas de metaphoras.

—Mas é isso coisa que se coma ou beba?

—Os sonhos são, sem duvida, agora as metaphoras...

Ia a travar-se discussão sobre se mataphora é ou não coisa de beber, quando o Manoel Correia exclamou: rapazes, o *calado* é o melhor!

O *calado* era uma garrafa que acabára de abrir.

—Bravo! concordaram todos.

E dentro em pouco outras mais foram... *caladas*... com a unha retorcida do sacca-rolhas.

E aqui se desandaram as perras cravelhas dos violões, rebecas e banjolins para repouso folgado das esfarrapadas e tensas cordas, que até ao anno serão cuidadosamente guardadas como recordação da encantadora noitada do dia de Reis.

E para memoria mais dura-doira aqui ficam registados os nomes dos que formavam esta *troupe*: Joaquim Correia Dias, Fernando Abreu, José Placido Ramos, Manoel Rosas, José de Pinho, João Tavares, Silva, Manoel Correia, Francisco Bello, Augusto Lamy, Joaquim Carreilhas, Alfredo Fonseca, José Loureiro, Jacintho Magina, José Graça, Benjamin d'Almeida, Antonio Gomes, Domingos Pereira, e José Luzes.

Cartas para o Brazil

I
Meus caros compatriotas

Vou encetar uma serie de cartas, desprezenciosas e sinceras, começando esta à luz baça d'um candieiro de petroleo e à luz mais baça ainda d'um futuro incerto que aguarda, como inimigo implacavel, os destinos da nossa patria.

Sõe dizer-se que a emigração para as terras de Santa Cruz tem por movel exclusivo o varejar a arvore florescente e selvagem das patacas americanas, fazer fortuna e voltar rico à patria.

Nem sempre assim è. O desprezo que os nossos governos tem votado a toda esta malfadada patria, a impossibilidade de conquistar o pão quotidiano sem os caprichos e garantias do favoritismo politico, a falta de patriotismo governamental que retarda o desenvolvimento agricola, scientifico e industrial, no nosso paiz, tudo isto, misturado e refundido no alambique do desmazelo nacional, produziu a emigração para o Brazil.

E lá vae todas as semanas uma leva de degredados, para o Brazil, com a esperança na alma e com a saudade no coração, deixando o calor tepido da lareira que as lagrimas dos seus velhos paes regelarão, perdendo o sorriso dos seus irmãosinhos, o carinho das suas esposas e os baixos innocentes dos seus filhinhos.

E tudo isto, porque deante do futuro d'esses degredados voluntarios se ergueu um dia o espectro sombrio da miseria e a nuvem escura d'um futuro comprometedor.

Não, jamais, podemos olhar sem sympathia para quem foge para o Brazil, como quem foge para uma terra de exilio temporario, deixando um mundo de recordações, uma pagina rasgada da sua infancia, a troco d'um futuro incerto, d'um azar de loteria em que se joga a propria vida.

Não sabeis, vós que estaes tão longe da patria, quantas lagrimas, quantas saudades, quantos angustias, sacrificios e desesperos até, por vós soffre vossa mãe, vossa esposa, vossos irmãos e filhos.

Mas tambem não sabemos, nós, que ficamos de portas a dentro da patria, quantas lagrimas, trabalhos, malquerenças e infortunios vos acompanham, vos seguem os passos e vos perseguem como a sombra fatidica d'um destino mau.

Não posso dentro do anonymato da minha incompetencia, desempenhar este cargo dulcificador de pôr-vos ao corrente de tudo o que se passar na nossa villa, de tudo que possa interessar-vos, despertar-vos uma saudade nova ou reaccender-vos, no coração, uma velha saudade da nossa villa, da vossa familia, da nossa patria.

Foi-se o Natal com as suas tradições, com as suas consoadas, com o lume do seu cepo de virtude, com as novenas do Infante Suavissimo, aonde todos

iamos, em pequenos com pavios, lanternas e laranjas illuminadas, em magotes nas nove manhãs frigidissimas que precediam o nascimento do menino Jesus.

Era um revoltear doido de rapazes, com vellas e pavios nas mãos a chamuscar as guedêlhas do visinho da frente e sempre com os olhos reverentes... na infinita canna do sacristão, arvorado em mestre de ceremonias e em legitimo representante da ordem na Casa do Senhor!

E a noite dos Reis!
Era uma procissão de noctivagos, de bandolins e violões a tiracólo, formando trupes com os versos do Dias Simões grudados na cachimonia, batendo a todas as portas, cantando, tocando, dedilhando eternamente, enquanto o dono da casa não se dignasse mandar deslocar uma garrafa de vinho, deitando-a com geitinho ao pé das irmãs no cabás dos reis magos ambulantes!

Vae longa esta, e por isso não posso continuar nas minhas reflexões, não posso dizer-vos com que desvelo, sobresalto e angustia, no dia da chegada do paquete, afloram a todas as portas a passagem do correio, as vossas mães, esposas, irmãs e filhinhos.

E se a vossa carta falta, não se come satisfeito n'aquella casa, alguns lares nem se accendem, as lagrimas reprimem-se durante o dia e correm à noite deante do oratorio ou em frente d'um quadrosinho singelo e mal cuidado da virgem nas moradas dos mais pobres.

Escrevei sempre, exilados da patria, escrevei sempre aos que na patria ficam, porque tambem são exilados do vosso coração!

E vós que saistes da nossa terra, viveis longe e conviveis de perto com a civilização, não vos sobresaiteis, se eu, durante o percorrer rapido d'estas cartas, vos fallar algumas vezes de Deus.

Sou tolerante com todos, porque todos somos irmãos e temos eguaes direitos; amemos a nossa terra e a nossa patria, e deixemos a Deus a faculdade de repartir os bens espirituaes, conforme a porção de verdade eterna que cada intelligencia tiver abraçado.

Ovar, 11 de janeiro de 1910

João da Esquina.

HORAS D'OCIO

N.º 43

— Ora viva o amigo Calino! Como vae?

— Vou alternando os pés até casa. — E' boa! De saude, de saude è que eu pergunto como vae.

— Não vou bem, porque trago esquentado o polo Norte. Este zenith anda preocupado com uma ideia, que entrando subtil e fina qual agulha na minha musa encephalica, me achatou e arrazon, como muito bem o poderia ter feito, a maior e mais pesada mó de moinho, que imaginar se pode.

— Bello meu amigo; mas, contudo isso, não me diz o que è a tal ideia?

— A tal ideia, è uma viagem!

— Uma viagem?! e è então por isso, que anda preocupado?

— Certamente! pois que não que-

ro ir por terra, nem por mar, nem pelo ar.

— Essa è nova! então como vae?

— Vou reclinado no meu pensamento!

— Sim, senhor; bonita forma de viajar.

E, onde vae?

— Vou visitar o rei dos astros. O mais ardente e luminoso de todos os reis do Universo e seus arrabaldes.

— Bravo! quero suppor que chegue lá; e o que faz em seguida?

— Em seguida, e depois de estar lá 4 segundos, volto cá para a terra.

— Vem então...?!

— Do Sol à terra, gastando o mesmo tempo que na ida, mas acompanhado, ou antes, escoltado por enorme exercito de raios luminosos.

— Magnifico! e sendo assim, quanto tempo calcula o amigo Calino que tudo isso lhe leva?

— O tempo só, de fumar um dos charutos meus predilectos.

— Desculpe o amigo Calino, mas não percebo bem!

— Creio, e não me admiro. Isto è para todos, e o sr. pertence ao numero dos todos.

— Está bem, e já è favor o não entender que pertenço ao dos tolos.

— Eu lhe explico: dos taes charutos, arde um centimetro em cada minuto.

— Bom, mas que comprimento tem esses charutos de que falla?

— Isso agora è que não sei, e desejava saber.

Mas, voltando propriamente à minha viagem, o que lhe sei dizer, è que andarei tanto como os raios luminosos que se dignarem acompanhar-me, pois quero que pelos espacos infinitos, fique retumbando a fama, per omnia secula.

Resposta ao numero 12:

Juntando o vinho que tem, pode vender a mixtura a 30 reis, sem que com isso, ganhe ou perca 5 reis mais que seja.

Figueira da Foz.

M. E.

De Binoculo

Atè que enfim a «Patria» se pôde ler um dia sem repugnancia. Isto não è fazer reclamo à «Patria» que d'elle não precisa, mas è prestar culto à verdade que de nós todos exige essa homenagem.

Traz um artigo de fundo bem pensado e criteriosamente deduzido sobre a maneira de tornar viavel a fundação da *Misericordia d'Ovar*.

Nós, os vareiros, temos, por temperamento e por herança *historica* dos nossos politicos *pre-historicos*, horror a tudo quanto cheire a novidade, a tudo quanto não caminhe pelos velhos tramites do rotineirismo.

Para se fundar uma obra de beneficencia de tal alcance em Ovar, era necessario que estivesse em cofre, limpo e seco, o capital sufficiente para adquirir o terreno, construir o edificio, envidraçar as janellas, obter o mobiliario e comprar por fim o cofre para guardar o capital restante, capaz de garantir a vida desafogada ao bom funcionamento do Hospital!

Enquanto não cheirar a dinheiro nada se emprehende n'esta malfadada terra, porque por aqui cheira pouco a patriotismo e a vontade de trabalhar com desinteresse.

Porque não se monda o parasitismo da *casaca*, que vive muito de

ideias e abstrações palavrosas e não se faz interessar, n'uma obra de tanta transcendencia, individuos menos fidalgos e mais praticos?

Não se poderia desmembrar a commissão em outras commissões locais, que evangelisassem a ideia da fundação da *Misericordia* por todas as freguezias do concelho e por todos os logares das freguezias?

*

O povo d'Ovar deixa-se entusiasmar pelos primeiros foguetes da fundação, atavia-se para ir à festa, prepara-se para sair, mas muitas vezes esmorece no lumiár da porta, desalentado, e volta a pendurar o chapeu no cabide e o chaile na barra da cama.

Mas se n'esse momento de duvida e indifferença ouve a musica do arraial, torna a fazer *toilette* e resolve-se a sair.

Ora os festeiros da *Misericordia* deitaram os foguetes e morteiros de mil promessas, fizeram discursos, trabalharam, suaram, pintaram aquella benemerita e humanitaria obra com todas as côres e cambiantes da caridade, abriram uma subscrição na Europa, Africa e America, e quando tudo corria tão bem, quando a subscrição tomava incremento e despertava sympathia o ideal, cruzam os braços e deixam correr os marfins!

Agora è que è necessario tocar a musica entusiasta da acção; è necessario dizer ao povo onde o logar destinado ao edificio da *Misericordia*, quaes os alicerces abertos já, quaes as paredes em construcção.

Mostrem-lhe tudo isso, e o povo não irá pendurar o seu chapeu no cabide da desconfiança, nem depôr o seu chaile na barra da cama onde principia a dormir a crença na effectuação d'uma obra de tal magnitude e necessidade como uma *Misericordia* em Ovar.

Nada de esmorecimento, nada de apathia, nada de intriga, para não haver nada de retrocesso no avanço de tal ideal.

*

O «quod dixit, dixit» de Pilatos nem sempre se pode transmutar no «quod scripsit, scripsit».

O que dissemos acima sobre a *Misericordia*, está dicto e è assim que pensamos.

O que escrevemos acima sobre a *graxa* na «Patria», está escripto, mas não è assim que pensamos.

Temos a distinguir. A «Patria» de quinta feira lê-se sem repugnancia, mas só no artigo de fundo que trata da *Misericordia*; todavia por se tratar de misericordia não podemos possuil-a em tão alto grau que deixemos passar o «Binoculo» por cima de toda a folha. Cada vez nos vamos capacitando de que, se alguma coisa de geito lá se escreve, as pennas que o fazem ou são adventicias, ou são pennas de rara ave.

Desejavamos (e impunha-nos tal obrigação a leitura chumbada da *derreadella* proxima) conversar com a «Patarata» de quinta feira.

Pouco lá viu o Frei Lucas do «Binoculo» digno de olhadella, porque não gasta cera com ruim defuncto.

Olhadella rima com derreadella.

E a proposito, porque será que o Borda-d'Agua do Juizo do Ano escriptor muito pequenito e muito minuscule (desculpem o muito antes do minunculo) escreve *ano* sem consoante dobrada e derreadella com duas consoantes?

Se fosse o philologo da «Obrigã» vá que não vá, que estava nos seus papeis.

Mas o tal Borda d'Agua... *Minuscule!*

¶ Parece que a tinha se péga. Que pena o «Regenerador» não dispôr de mais espaço para esta palestra não morrer assim tão *chóchal* que pena!

Frei Lucas

No concilio dos deuses

O *philosopho*, a moleta inabalavel do «Jornal d'Ovar», passeia cadenciadamente na sala de visitas, meditando nas altas philosophias da historia religiosa dos papas e apostrophando o espectro de Soares de Passos maneado pela mão nefasta de Theophilo Braga.

A campainha retine estrepitosamente.

—Quem será? Vá abrir a porta Maria.

—Olhe sr. dr., é uma senhora já idosa, bem vestida, magra e de faces palidas.

—Ah! sei bem quem é. Dizo-lhe que subal!

Era uma pobre e honrada mulher que fora feliz n'outros tempos e tivera vida limpa, passando agora fome de collaboração; ia bem trajada, mas as plumas do seu chapéu mundano, foram substituidas pela honestidade d'uma sevilhana.

—Sr. dr., vivemos juntos n'outros tempos e separámo-nos com saudade, para eu não andar nas bocças do mundo. Eu gostava de passar por muito honesta, muito crente e temente a Deus... e o sr. dr. tinha lá as suas ideias. E eu vi-me obrigada a dispensar-lhe os seus bons serviços. Hoje, porém, não me preocupo com essas cousas. Se o sr. dr. pudesse e quizesse...

—Olha filha, a minha velha amizade não se esfriou ainda dentro d'este coração, um grau centigrado. Podes contar comigo nos lances angustiosos da tua vida atribulada. Quando poder te mandarei a primeira esmola. Toca a campainha de novo, ficam os dois sobresaltados, a creada desce á porta.

Um homem, nem baixo nem alto, nem gordo nem magro, sem preconceitos nem etiquetas, de lunetas no nariz e de olhitos sempre a saltar nas orbitas, de casaco usado, de comprida corrente d'ouro do tempo em que andara em Coimbra, de botas de cabedal cru e salto á prateleira, diz de fóra:

—Olá, minha flor, abra a porta e diga-me se está cá o sr. dr.

A resposta affirmativa fel-o subir, aproxima-se da porta, mette o nariz no interior da sala; mas recua atrás de medroso ao encarar a pobre e honesta senhora.

Póde la ser! Será ella aqui por estas bandas! E' impossivel! Vou esconder-me e saberei tudo.

O' Maria, minha filha, não diga nada ao dr. e arranje-me um quarto d'onde possa ver pela fechadura essa visita ao sair.

Escondera-se, espreitára-a, era ella!

Inda bem a outra não estava na rua, entra, como uma trovoadá, na sala a segunda visita.

—Olé por aqui, meu amigo. E' novidade e fóra dos seus usos esta visita e a estas horas. Então o que o traz por cá?

—Olhe sr. dr., são umas desconfianças... Não que se precise extraordinariamente dos serviços do meu amigo; mas temos-lhe facultado a nossa casa para tudo, tem sido mimoseado com todas as deferencias por nós e agora...

—Então, coitada! Reparte, reparto a minha actividade pelos dois. Sa-

bos que sou fecundo... e não me custará muito tappar a bocca aos dois.

—Nada, não quero. Ou se é christão ou mouro. As duas cousas simultaneamente, não pode ser.

—Mas ella está doente!...

—Se está doente que tome uma purga para descobrir a doença e se fór anemia receitemos-lhe todos o peitoral de Cambará.

—Está dito. Fazemos assim.

João da Esqutna.

Bôdo aos pobres da freguezia d'Ovar

Está assente para a paschoa a festa que tencionamos offerecer aos pobresinhos d'esta freguezia. Queremos commemorar a Resurreição de Christo, o maior e mais dedicado amigo dos enteados da sorte, levando o conforto d'algumas horas de fartura e alegria ao coração enoitecido da pobreza.

Quem são esses pobres?

Quantos serão os que tomarão logar á meza que para elles vamos dobrar na paschoa que se aproxima? Não sabemos, porque o numero e a escolha ficam ao arbitrio dos nossos presados assignantes. Cada um apresentará o seu pobre; pela mão de cada assignante dará ingresso no logar d'esse banquete de infelizes, um pobrezinho.

Que alegria para os dois!

Conta-se de D. Pedro V que ás vezes, por noite alta subia as escadas do Paço real amparando ao seu hombro um velhinho, que encontrára na rua coberto de andrajos e morto de fome, para o vestir, e sentar á sua meza n'aquella noite.

Quanto isso não era grato ao coração do grande rei e do misero velhinho!

A mesa do nosso bôdo nada tem de principesco, mas nem por isso deixará de se fazer appetecer da pobreza andrajosa.

Leval-a a tomar ali assento, pois, não será acção indifferente para ella nem para quem a conduz.

Animem-se, então, e ajudem-nos os nossos assignantes e amigos, subcrevendo com o seu obulo. Dez réis é dinheiro e os pobresinhos não pedem muito. Pouco basta.

Deem aos pobres. Dar aos pobres é emprestar a Deus e proporcionar á nossa consciencia o mais suave dos prazeres.

Continua aberta a

	Subscrição
Transporte reis	6:700
Manoel da Cunha e Silva...	500
Manoel Ferreira Regallado..	200

(Continua)

BOLETIM ELEGANTE

Já se encontram entre nós, vindos de Lisboa, os habéis constructores navaes, nossos presados amigos e assignantes sr. João Gomes Silvestre e seus dois filhos João e Bernardino, e o sr. João Bernardino d'Oliveira Gomes. Bôas vindas.

—Retirou para Lisboa com demora d'alguns dias o sr. Manoel Rodrigues da Graça.

—Experimenta saude já muito vigorosa o digno escrivão de direito d'esta comarca, nosso esclarecido amigo, Antonio Augusto Freire de Liz.

Registamol-o com prazer e since-

ros votos por que ella se firme completamente.

— Voltou a Cantanhede, onde exerce dignamente o cargo de escrivão de direito o nosso bom amigo Delfim Braga. Saude e muita prosperidade por lá.

— Tem obtido notaveis melhoras o sr. José da Silva Bonifacio, honrado e bemquisto negociante d'esta villa. Que elle e sua esposa, que tambem se tem achado gravemente enferma, consigam rapido e cabal restabelecimento.

— Partiu para o Porto, collegio de Santa Maria, o nosso amigo Padre A. Pereira de Rezende.

— Para os Carvalhos o Padre Antonio Pereira d'Almeida.

— De regresso do Pará deve chegar no proximo mez o nosso amigo Antonio Gomes da Silva.

Este bello rapaz é esperado com anciedade não só pela sua boa familia como pelos seus numerosos amigos.

— Passou no dia 4 as suas 30 primaveras o ex.^{mo} sr. dr. Luiz José da Motta, digno tenente de infantaria 23, pelo que o felicitamos.

— Partiu no dia 8, de Coimbra, no rapido, com destino a Manãos o cidadão brasileiro ex.^{mo} Sr. Antonio Francisco Monteiro, muito digno coronel do exercito d'aquelle Paiz e Deputado Estadual, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa sr.^a D. Esmeralda Jorge Monteiro. Na sua despedida que foi muito affectuosa, encontravam-se entre outras pessoas, a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor de Abreu Fonseca, suas genitis filhas D. Adelia de Abreu Fonseca e D. Maria Carmen e o Dr. Luiz José da Motta, primos do sr. Antonio Augusto d'Abreu.

Noticias

Em S. Miguel

Como remate das interessantes novenas do Deus Menino, effectuadas na capella de S. Miguel, houve durante a missa, nas madrugadas de 25 de dezembro, 1 e 6 de janeiro, canticos piedosos em honra do divino Infante, acompanhados a harmonio.

Agradaram muito os solos das senhoras Dina Rendeira e Irene Abreu; e não menos o dueto formado pelas senhoras Maria José Marques, Maria de Souza Crastra, Rosa Póde e Olimpia Nabia, e pelas senhoras Rosa Crasta, Lydia Ribeiro, Dina e Irene.

E' que o esbelto grupo de coristas amadoras portou-se á altura.

Sem lisonja. Tambem despertou geral agrado a linda composição musical expressamente feita e enviada do Pará para ser executada n'estes dias, pelo nosso presado amigo David Rodrigues da Silva.

Tudo muito bem... e já agora muito de appetecer para o anno. Se Deus quizer.

Em S. Donato

Effectuou-se no dia 9 do corrente pelas duas horas da tarde uma novena a grande instrumental na capella de S. Donato. Em seguida procedeu-se a um pequeno basar de prendas, recolhidas durante as novenas do Infante.

Tocou a philharmonica «Ovarense», sob a regencia do nosso velho amigo e distincto professor de musicas sr. Benjamin Rodrigues da Silva Nabia.

Sinistro maritimo

Em Espinho, quando voltava de lançar a rede, afundou um barco de pesca pertencente á companhia de José Cazebre.

Pereceram afogadas nove pessoas e quasi outras tantas familias avergadas de creancinhas famintas e rotas ficaram reduzidas ao ultimo extremo da miseria.

A tristissima occorrenca foi logo communicada ao governador do districto e a sua majestade. Que ahí esteja a providencia de tantos infelizes.

Grave aggressão

Pelas 9 e meia da noite de 9 do corrente, foi o bairro da Arruela alarmado por gritos de soccorro.

Dois meliantes esperavam um cavalheiro de distincção no nosso meio que a essa hora passeiava socegadoamente na rua em frente a sua casa.

Collocados um d'um lado e outro d'outro á beira da rua foi-lhe vibrada uma pancada no peito na occasião em que passava por elles. Perseguidos foram presos, mas n'um dado momento um d'elles evade-se e d'ahi a instantes apparecia de faca em punho em attitud de esfaquear quem se lhe deparasse.

Foi victima d'uma facada n'um braço o sr. Antonio Maria Rosas que passava recolhendo a casa com sua esposa, sendo em seguida preso o agressor.

Está o povo d'Ovar á mercê dos vadios por culpa da Ex.^{ma} Camara que não nos dá luz nem manda policia a villa, apesar de com a illuminação entrar em orçamento 1.600:000 Um conto e seiscentos mil reis!!

Para o Brazil

No sabbado 8 seguiram no comboio da manhã com destino ao Pará os nossos conterraneos srs. Antonio Marques Branco e Antonio André de Oliveira Junior. A' hora a que escrevemos já vão singrando o grande Oceano, o grande *thalassa* com o pensamento nos que cá deixaram e lhes são caros.

Que façam boa viagem, sejam felizes e voltem breve para o seio dos seus.

Fallecimentos

Por noticias recebidas do Brazil em dia de Reis, sabe-se ter fallecido no Rio de Janeiro a esposa do sr. Julio Augusto Souza Brandão, sogra do importante industrial na cidade do Porto sr. Antonio Dias Pereira e tia do nosso bom amigo Antonio Dias de Mendonça.

Era uma senhora dotada de nobres qualidades e em extremo adorada da sua numerosa familia, a quem apresentamos sinceras condolencias.

— N'esta villa deu-se á terra o cadaver do sr. Francisco Pinho, fallecido em 7 do corrente.

O finado era cunhado do nosso amigo sr. Antonio Pinto Real, a quem damos pesames.

Retiradas

Já debandaram para varios estabelecimentos de ensino do paiz os estudantes vareiros, que vieram passar com suas familias as ferias do Natal.

Que sejam felizes durante o periodo escolar que vão encetar.

TELHA DE OVAR

(4)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.^a 21\$000—2.^a 16\$000—3.^a 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.^a

Uma visita á (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Aegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Oficina mechanica de cartonagem photographica moderna.
Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA
(3) **E TODOS OS APRESTOS**

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebem o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espigarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pompos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»

Vibrador «Varno»

Sorveteiras.

etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Parça de D. Pedro—41

Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações dificeis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papels nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidrarria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Histogeno Llopis (8) **Unicomedicamento** adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes nemia Neurasthonia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saúde.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.^a, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.^o

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

— LIMITADA —

—* Vendas por junto e a retalho *—

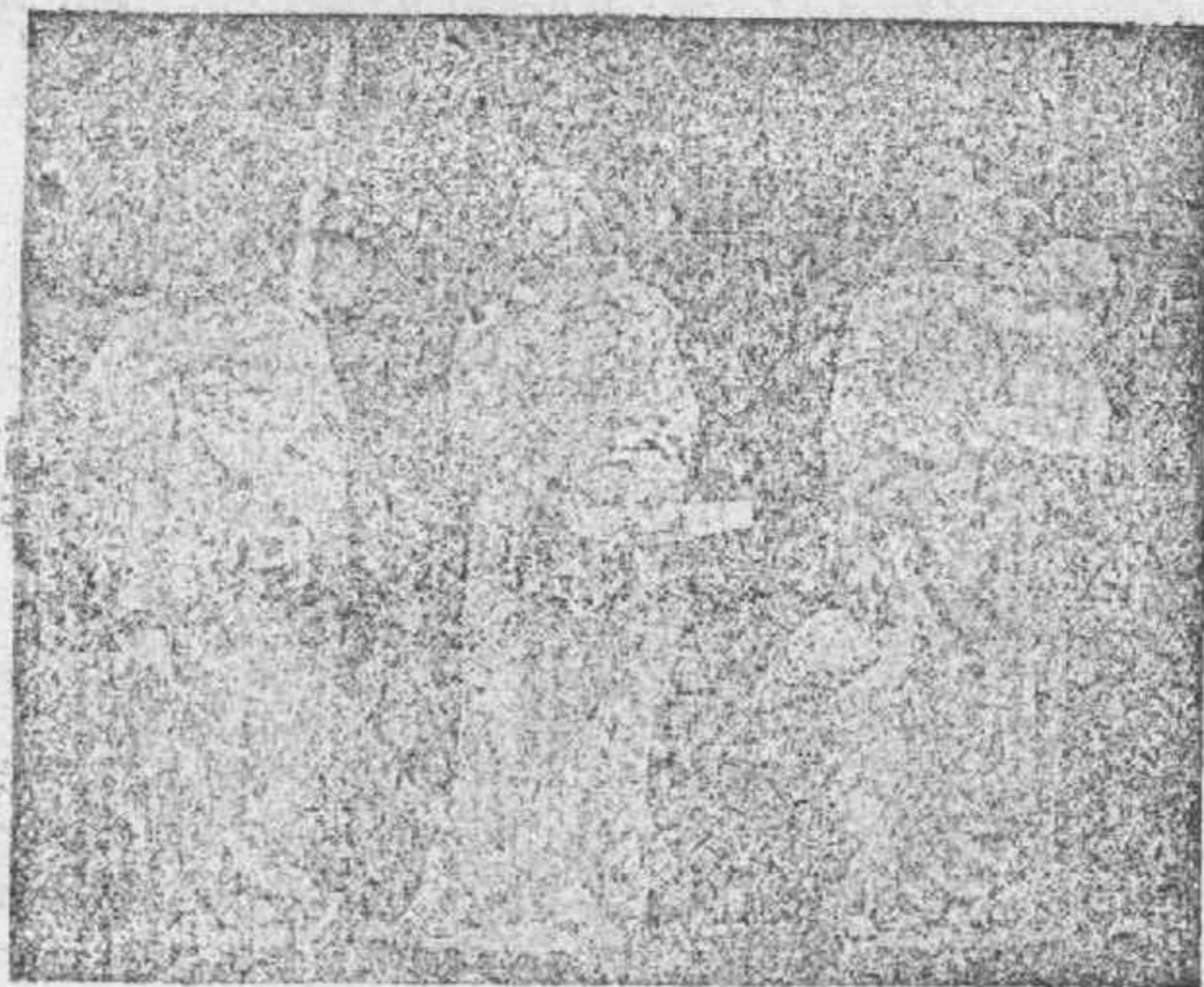
Rua de S. João n.ºs 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silva

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanisada. Trabalhos garantidos e perfeitos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar

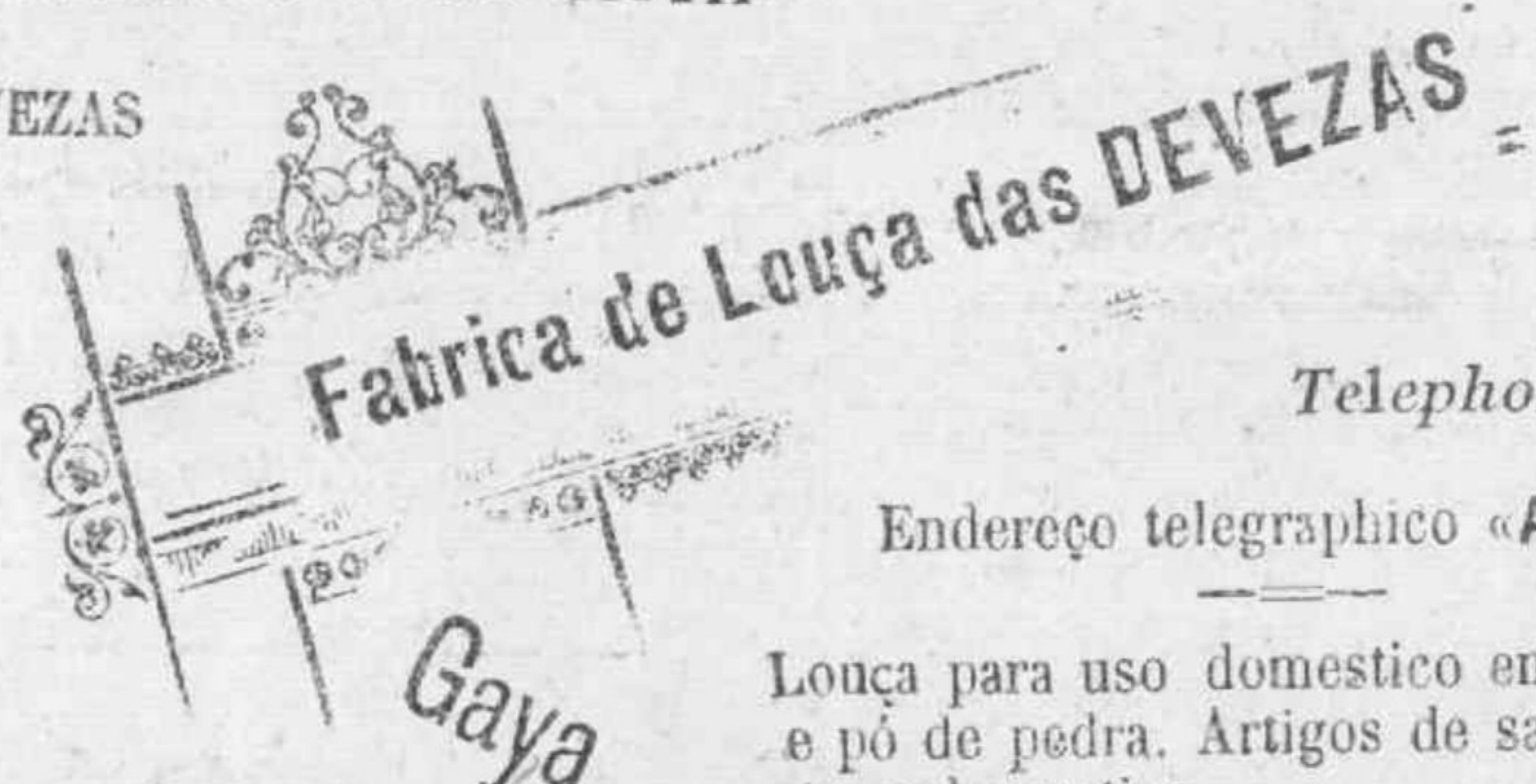


AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.ºs 114 A 134
—VILLA NOVA DE GAYA—

BEVEZAS



Telephone, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar Cuidado, pois.

Preços os mais convidativo (7)

